

**Trabalho de Conclusão de Curso  
do Seminário de Formação em Pedagogia Waldorf**

# **A MITOLOGIA INDÍGENA NO QUARTO ANO**

**Lara Cunha**

**Orientador Prof. Joel Canella**

**Nova Friburgo, RJ**

**2019**

# ÍNDICE



|   |      |
|---|------|
| <b>Introdução</b> .....   | p.3  |
| <b>Capítulo 1: A tarefa da educação</b> .....                         | p.5  |
| O segundo setênio: a criança que sonha .....                          | p.6  |
| A criança aos 9, 10 anos .....  | p.9  |
| O currículo do 3º ano escolar.....                                    | p.11 |
| <b>Capítulo 2: As Mitologias</b> .....                                | p.13 |
| A Mitologia Indígena.....   | p.15 |
| Contado o Mito Tupi-Guarani da Criação do Mundo .....                 | p.18 |
| <b>Capítulo 3: A viagem pedagógica</b> .....                          | p.27 |
| Os indígenas brasileiros, sua religiosidade e organização social..... | p.33 |
| O trabalho com grafismos, o teatro e a música .....                   | p.36 |
| <b>Conclusão</b> .....  | p.40 |
| <b>Bibliografia</b> .....   | p.42 |

## Introdução



A Pedagogia Waldorf entrou na minha vida de forma mágica. Em 2011, eu fazia a graduação em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense, no Rio de Janeiro, quando uma grande amiga me emprestou o livro do *Rudolf Lanz: A Pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano*. Eu devorei o livro em três dias, apaixonei-me completamente pela proposta e, duas semanas depois, eu estava em Nova Friburgo para fazer o seminário de formação de professores. Até hoje, sinto que alguma força inconsciente – ou, por que não dizer força do carma – guiou meus pés para o alto da serra. Foi essa mesma força cármica e cósmica que me levou, em 2014, a assumir a classe do 1º ano no Jardim Escola Michaelis, escola waldorf localizada no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, e foi então que iniciei minha verdadeira jornada como professora.

Alguns anos se passaram, anos de muita alegria, trabalho, desafios e descobertas na prática diária da arte de educar as crianças e a mim mesma. No início de 2017, numa ida à Assembleia da FEWB (Federação das Escolas Waldorf do Brasil), tive o prazer de conhecer a grande professora Ute Craemer que, ao descobrir que eu era regente de um 4º ano, rapidamente indagou-me: “Você vai contar a Mitologia Indígena para a sua classe, não é mesmo?” Com a certeza de que aquela pergunta era mais afirmativa do que interrogativa, eu prontamente respondi que sim. Ela continuou: “Você precisa contar aos seus alunos as lendas do povo indígena e do povo africano. Eles não podem ser privados de conhecer as suas origens, de se identificar com elas”. A fala e o olhar desta grande educadora alemã, que tem alma brasileira, me marcaram profundamente. A partir disso, eu iniciei uma pesquisa para compreender como a mitologia indígena estava sendo introduzida nas escolas por outros professores waldorf, e como eu poderia

levar às minhas crianças um pouco da arte, da cultura e das histórias milenares desses povos que habitaram o Brasil por 10 mil anos antes da chegada dos europeus.

O objetivo deste trabalho é, portanto, descrever como foi essa Época de Mitologia Indígena trabalhada em minha classe de 4º ano, as práticas artísticas desenvolvidas e a viagem pedagógica a uma aldeia indígena. Busco também, inicialmente, fazer um panorama do desenvolvimento da criança no segundo setênio, com ênfase no rubicão e na passagem dos 9 para os 10 anos, visando compreender o alimento necessário para essa idade e como o currículo da Pedagogia Waldorf pode orientá-la. Finalizo trazendo uma reflexão a respeito da necessidade da Pedagogia Waldorf ser recriada em solo brasileiro, a partir de uma prática autêntica e verdadeira.

# 1



## A Tarefa da Educação

*“Somente poderemos fazer jus à nossa tarefa se não a considerarmos simplesmente intelectual e emotiva, mas ética e espiritual, no sentido mais elevado”*

*Rudolf Steiner*

Na primeira conferência da Arte de Educar I, proferida no dia 21 de agosto de 1919 em Stuttgart, Rudolf Steiner fala aos professores que a tarefa de educar é grandiosa e que deve-se ter na consciência que a educação não atua apenas no mundo físico, mas também na esfera espiritual. *“Para tal, a fundação desta escola não deve ser considerada algo corriqueiro, mas um ato solene da ordem universal”* (STEINER, 2007, p.19) É dessa forma, como um ato solene da ordem cósmica e universal que devemos enxergar a nosso trabalho pedagógico com as crianças. Devemos estar cientes de que não trabalhamos sozinhos e das forças espirituais que nos guiam diariamente em sala de aula.

Mais adiante na mesma conferência, e seguindo a partir da visão antroposófica de que o ser humano é um ser pertencente a dois mundos – terreno e espiritual –, Steiner diz que o nascimento de uma criança marca o início do seu processo educativo e devemos ter a consciência de que se trata de uma continuação do que foi realizado no mundo espiritual, por seres espirituais. A nossa educação só pode ser iniciada depois que a criança entra no plano físico e começa a respirar o ar exterior. É apenas nesse momento que começa a encarnação da criança na

Terra, isto é, a penetração do seu espírito anímico (vínculo entre a alma e o espírito) no seu corpo orgânico (que se relaciona com os reinos do mundo físico: mineral, vegetal e animal). A integração desses dois membros de maneira harmoniosa se concretiza apenas aos 21 anos e consiste na tarefa essencial da educação (STEINER, 2007). Sendo assim, a tarefa da educação é ajudar a criança em seu processo encarnatório.

A partir dessa concepção, Steiner segue descrevendo como educar a criança para alcançar tal objetivo, e das palestras seguintes, surgem todas as ideias fundamentais que embasaram a Pedagogia Waldorf, o seu currículo e a sua metodologia. O mergulho do professor na observação da criança, no seu desenvolvimento em cada um dos setênios, tornou-se um princípio essencial para fundamentar essa pedagogia e para a compreensão dos alimentos anímicos que a criança necessita em cada faixa etária. Dessa forma, antes de entrarmos no tema deste trabalho, precisamos compreender um pouco sobre o desenvolvimento físico, anímico e espiritual da criança no 2º setênio e como ela aprende, para que possamos entender a importância de contar a Mitologia Indígena na escola.

## **O segundo setênio: a criança que sonha**

A Antroposofia estuda o desenvolvimento do ser humano em setênios, isto é, em ciclos de 7 anos. Os três primeiros setênios, que englobam o período entre o nascimento da criança e a maioridade (0 aos 21 anos), são dedicados à atuação da educação. O 1º setênio (0-7 anos), é a primeira infância, em que o bebê nasce e a criança pequena são envolvidos pela casa dos pais e o envoltório da mãe. É também caracterizado como o setênio da maturação fisiológica, em que as forças vitais da criança estão todas voltadas para a formação e desenvolvimento do seu corpo e o desenvolvimento do âmbito anímico do *Querer*, ou da vontade. O 2º setênio (7-14 anos), por sua vez, que é o foco neste trabalho, representa o momento em que a criança dá um passo em direção ao mundo. A entrada no 1º ano escolar desempenha grande papel nessa passagem, pois se tornar

função importante na vida desta criança, para além do lar. É caracterizado como o setênio da maturação psicológica, e o desenvolvimento do âmbito anímico do Sentir. (LIEVEGOED, 1994).

Na passagem do 1º para o 2º setênio, acontecem mudanças físicas bastante notáveis, como um estirão das pernas, deixando a criança mais ágil. O tronco se modifica e também no rosto ocorrem mudanças. A criança perde a gordurinha da primeira infância e, principalmente, é nessa fase que aparece o primeiro molar permanente. No ponto de vista antroposófico, o nascimento desse dente indica que as forças vitais e etéricas da criança, que antes estavam direcionadas para a formação do seu corpo físico, agora estão disponíveis para trabalhar numa atividade pensante. Por isso, a criança está pronta para ser alfabetizada. Enquanto a criança pequena estava totalmente aberta e entregue ao mundo exterior, a criança de 7 anos, já mostra uma imagem diversa. *“Seus olhos se dirigem ao mundo cheios de expectativas. A boca está fechada”* (LIEVEGOED, 1994, p.60).

Isso indica que a criança começou a criar um mundo interno, a desenvolver uma atividade interior, um mundo de fantasia dentro dela, constituído de imagens e de representações mentais. No estágio do seu desenvolvimento, ela adentrou no que Rudolf Steiner denomina de *consciência de Sonho*, que é uma consciência intermediária entre o *Sono* (a inconsciência) – predominante nas crianças pequenas – e a *Vigília* (consciência), predominante nos adultos.

De acordo com Steiner, quando dormimos (Sono), o nosso corpo astral e o Eu se desconectam do corpo etérico e do físico. Nesse processo de desconexão ou conexão dos corpos, é que o sonho acontece. O corpo astral traz para o etérico as imagens vivenciadas no plano astral, que se misturam às imagens da nossa vida no plano físico e formam os nossos sonhos. No livro, *O Conhecimento Iniciático* (1996), Steiner descreve:

*“Podemos comparar o mundo dos sonhos a um mar dentro do qual vivemos. Pela manhã, ao despertar, imergimos das ondas. Enquanto passamos do âmbito das leis supra-sensíveis para o reino das leis sensíveis*

*e intelectuais, tudo o que vemos com linhas e contornos bem marcados parece emergir de um elemento fluido e fugaz.”*

(STEINER, 1996, p.77)

Podemos imaginar, então, que as crianças do 2º setênio vivem e enxergam o mundo nessa atmosfera misturada entre o mundo real e o sonho.

Logo, o professor de uma criança em idade escolar, precisa saber como acessar esse mundo interno e sonhador da criança, através da poesia, da arte, de contos e fábulas permeadas de imagens. Ao contar de forma poética como é o mundo, o que existe nele e qual a sua função, o professor começa a encantar a criança através das suas belas e cuidadosas palavras. Todo o conteúdo necessário deve ser vazado em forma de narrativas permeadas de imagens e símbolos adequados, pois assim a criança aprende com seu coração.

*“É necessário que a criança acolha os segredos da natureza e as leis da vida não por meio de conceitos racionais e áridos, mas de símbolos. Analogias de relações espirituais deveriam ser apresentadas à alma de modo que os grandes princípios da existência fossem, de preferência, adivinhados e sentidos por trás da metáfora em vez de vazados em conceitos intelectuais”.*

(STEINER, 1996, p.34)

Rudolf Steiner, em seu livro *“A Educação da Criança Segundo a Ciência Espiritual”*, traz o exemplo da imagem da borboleta que sai do casulo como uma imagem bastante adequada quando queremos falar sobre a imortalidade da alma para uma criança no segundo setênio.

*“Assim como esse inseto se desprende da pupa, depois da morte, a alma se separa de seu invólucro. Ninguém achará uma forma conceitual adequada a esse fato se não o tiver previamente recebido sob forma de tal*

*imagem. Com tal analogia não se fala apenas ao intelecto, mas ao sentimento, às emoções, a toda a alma (...). É necessário, portanto, que o educador tenha a sua disposição metáforas e imagens para todas as leis da natureza e todos os mistérios do Universo”.*

*(STEINER, 1996, p.35)*

## **A criança aos 9, 10 anos**

Assim deve transcorrer todo o ensino durante todo o segundo setênio, sobretudo nos primeiros anos escolares. É também pela importância dessa linguagem imagética, simbólica e metafórica que narramos Mitologias para as crianças e sobre isso falaremos mais à frente.

Por volta dos 9 anos de vida, mais especificamente 9 anos e 1/3, a criança começa a passar por uma crise, denominada pela Antroposofia como Rubicão. Rubicão é o nome de um rio que foi atravessado por Júlio César e seu exército, descumprindo uma lei do direito romano, mas também possibilitando a sua vitória.

*“Transpor o Rubicon, que marcava a fronteira, sob a proteção do exército, significava romper com as leis de Roma, sentidas como algo “sagrado” e “eterno”. Ao mesmo tempo, era a única possibilidade de emancipar-se de uma ordem que tinha perdido seu significado e de seguir o caminho da vida própria”*

*(FEWB, 1999)*

Com a criança, essa crise representa também uma passagem sem volta, irrevogável, pois ela coloca os pés um pouco mais firmes na terra, o véu da fantasia cai e, pela primeira vez na vida, ela se sente como individualidade no mundo. Devido a isso, a criança se sente sozinha, mas

não consegue ainda explicar racionalmente essa solidão. Muitas vezes, ela tem pesadelos, medos e começa a se questionar se é realmente filha dos seus pais. Outra característica muito comum é que a criança começa a enxergar o que antes ela não via, por exemplo, ela nota pela primeira vez que a sua professora de classe tem uma ruga na bochecha, que antes ela não via. A crítica começa a despertar nesse período, sendo reflexo de toda essa transformação profunda em sua vida emocional. As histórias e fábulas que antes eram contadas, onde animais e plantas falavam, começam a parecer bobas e infantis para as crianças. É natural que ela comecem também a criticar a autoridade dos pais e professores nessa época, em quem antes confiavam cegamente.

*“Ela (a criança) parece ter perdido a proteção do seu próprio mundo de fantasia projetado sobre o mundo exterior. Este assume um caráter de hostilidade, e ela vivencia precipuamente seus lados escuros e negativos... Ela sente semiconscientemente seu isolamento em relação ao Cosmos e seu aprisionamento num mundo escuro e limitado pela corporalidade” (LIEVEGOED, 1994, p.65).*

Faz-se mais do que necessário, nesse momento, que os pais e educadores da criança, deem apoio, amor e compreensão para que ela possa transpor esse rio da maneira mais equilibrada e salutar possível. A Pedagogia Waldorf, em seu currículo, traz um arcabouço de histórias, práticas e conteúdos para ajudar a criança a lidar com esse sentimento, que apesar de às vezes doloroso, é fundamental no processo encarnatório da criança. Cada criança é uma estrela que brilhou no céu e educar verdadeiramente, significa ensiná-la a brilhar na Terra.

## O Currículo da Pedagogia Waldorf no 3 ano escolar

Existe um princípio que norteia todo o currículo da Pedagogia Waldorf e chega com mais força no 3º ano: a relação anímico-prática com o mundo. As Épocas trabalhadas durante esse ano escolar são épocas onde a criança precisa de fato “colocar a mão na massa”, para sentir-se ativa no mundo. Temos a época do cultivo da terra, em que a classe planta, semeia, colhe o que plantou e produz algo desses grãos e tubérculos plantados, como pães, massas e sopas. A época das habitações, em que a criança conhece os diversos tipos de moradias ao redor do mundo, sobretudo os mais primitivos, possibilita que ela aprenda a habitar a sua primeira casa, o seu corpo físico. É essencial que a classe tenha uma vivência de construção nesse momento, de um muro de tijolos ou um forno de barro, por exemplo. É importante também que ela compreenda o trabalho do agricultor e do construtor e também de outras profissões primordiais, para entender como ela pode trabalhar no mundo em que vive de forma salutar e saudável.

*“Nessas épocas, colocamos conscientemente à criança, que passa por uma separação nítida entre o “Eu” e o mundo, em seu ambiente imediato, de modo que ela vivencie as atividades relacionadas com a habitação e a alimentação. Ela deixa, dessa maneira, o seu “paraíso” pessoal, no qual estava vivendo, sem saber algo do trabalho. Dessa maneira, a vida profissional entra na esfera da sua consciência”.*

*(FEWB, 1999)*

Na aula de Trabalhos Manuais, a criança passa o ano todo tricotando um boneco, que significa exatamente essa imagem do humano, de indivíduo, que está chegando um pouco mais na Terra.

Da mesma forma, o conteúdo anímico do 3º ano escolar, caminha nessa direção. Trata-se das histórias do Antigo Testamento, que narram para a criança o princípio de tudo, o início da

vida: os anjos, arcanjos e outros seres espirituais trabalhando na criação do mundo sob o comando de Deus, e depois a trajetória de Adão e Eva e de toda a sua descendência. A história da “Queda do Paraíso”, é a perfeita analogia para esse momento também de queda que a criança de 9 anos está vivenciando: a queda da infância, da fantasia, da inocência. Quando o professor conta essa história para sua classe, ele dá a oportunidade da criança relacionar o seu sentimento de solidão, se enxergar como um microcosmo e pode ser que ela pense: “O meu professor sabe pelo que estou passando”. Essa sensação de segurança e confiança entre o adulto e a criança pode amenizar a sua crise.

Sendo assim, *“a tarefa pedagógica é construir uma ponte entre o espaço interno da criança de 9 anos e o mundo do qual ela está se afastando”* (SALES, 2007, p.16). A história da Criação do Mundo Tupi-Guarani representa mais uma ferramenta para essa tarefa e para ajudar a criança nessa passagem, além de identificá-la com suas origens e prepará-la para os conteúdos que chegam no 4º ano e nos anos seguintes, como a Zoologia, a Geografia, a Botânica e outros. A relação anímico-prática com o mundo deve continuar nos seguintes anos escolares, através também de passeios e viagens, para que as crianças possam entrar em contato com a beleza desse mundo no qual elas estão encarnando, para que elas possam conhecer, vivenciar, e valorizar os diversos aspectos formadores da sua cultura brasileira.

# 2



## As Mitologias

Anteriormente, falamos sobre o caráter sonhador das crianças no 2º setênio e como deveríamos apresentar o mundo do conhecimento a elas através de imagens boas, belas e verdadeiras.

A partir da visão antroposófica de que o ser humano espelha, em seu desenvolvimento, o desenvolvimento da humanidade, entendemos que, em determinado momento da sua evolução, o ser humano era como uma criança do 2º setênio, ele sonhava acordado. Steiner descreve essa relação no livro O Conhecimento Iniciático:

*“...ao remontarmos mentalmente ao que essa humanidade anterior – primitiva – vivenciava também em sua vida acordada sob forma de imaginações, ao que foi vazado em mitos, lendas e sagas de deuses e que parece tão vago e fluente em comparação com o que captamos hoje com a ciência – ao remontarmos a tudo isso e sem depender dessas antigas imaginações oníricas, somos tomados por um sentimento de admiração e de respeito diante daquilo que outrora viveu nas almas dos homens... Algo dessa velha sabedoria penetra nas visões medievais quando o poeta diz, de forma imaginativa: O mundo é tecido de sonhos”.*

*(STEINER, 1996, p. 78).*

É por esse motivo que Steiner indicou que os professores narrassem oralmente diversas Mitologias para seus alunos. As mitologias contêm as maiores e mais antigas verdades do mundo, em forma de imagens, e são elas que acessam o momento anímico da criança entre os 7 e os 14 anos.

É importante frisar que essa indicação de mitologias decorreu de um estudo e análise profunda de Steiner e professores da época em cima das imagens trazidas por cada mito e a relação com a necessidade da criança de cada idade e o seu desenvolvimento. A Mitologia Nórdica, por exemplo, que é ensinada no 4º ano, traz imagens muito importantes para a consolidação desse processo de Rubicão pelo qual a criança passa nessa faixa etária dos 9, 10 anos. Supõe-se que, fazendo 10 anos, ela já está com os pés mais firmes na Terra. Agora, percebendo-se como indivíduo, ela precisa testar toda sua força, tal como os heróis relatados pelas sagas nórdicas, como Siegfried e Beowulf.

*“Os nórdicos vivenciaram intensamente aquilo que possibilita nos enxergarmos como seres individualizados, identificados enquanto seres que pensam, sentem e agem, que têm livre arbítrio. (...) Mesmo como figuras arquetípicas, os heróis revelam uma vida, uma biografia, ao serem narrados os aspectos de seu nascimento e de seus feitos. Na verdade os heróis lendários fazem a ponte para o grande recurso que se tem depois que termina a consciência mitológica: as biografias propriamente ditas”*

*(PASSERINI, 2004, p.129).*

Existe um episódio na Mitologia Nórdica que é conhecida como Ragnarok, ou Crepúsculo dos Deuses, o momento em que os poderosos deuses lutam entre si e acabam com o mundo divino. A partir daí, os seres humanos ficam sozinhos e por sua própria conta na terra. Esta imagem representa, para a criança, o rompimento do elo divino que ela vem vivenciando em seu processo encarnatório. A Mitologia Indígena aparece como mais um mito que ajuda a criança

nesse processo de chegada à Terra, além de trazê-la mais para perto de um dos seus povos de origem.

### **A Mitologia Indígena**

No livro *A Missão dos Povos* (1910), Steiner fala sobre a importância de que cada povo possa buscar, pesquisar e conhecer a sua missão, a missão da sua alma individual.

*“É de suma importância falar dessa missão, porque o que acontecerá à humanidade em futuro próximo contribuirá, num grau muito maior do que ocorreu até agora, para reunir os homens numa missão humanitária comum (...) Na antiga Grécia, nos mistérios apolíneos, a expressão "conhece-te a ti mesmo" teve papel muito importante; assim, num futuro não muito distante, as almas dos povos ouvirão o apelo: "Conhecei-vos a vós mesmos como almas dos povos." Essa frase terá uma certa importância para a atuação da humanidade no futuro.*

*(STEINER, 1910)*

O povo brasileiro possui uma mestiçagem bastante característica e podemos dizer que somos um pouco indígenas, um pouco africanos e um pouco lusitanos. Talvez, nessa mistura de raças, possamos aprender muito do que significa conviver com o diferente, exercitar a tolerância e buscar uma harmonia fraterna entre as etnias. Nada mais significativo, portanto, que mergulharmos nos mitos desses povos, buscando resgatar a identidade do nosso povo indígena que foi reprimido na época da colonização e que, desde então até os dias de hoje, mostra-se rejeitado pela sociedade nacional.

*“A partir da colonização ibérica, do século XVI até hoje, a identidade da alma brasileira nativa foi reprimida, ou amordaçada, assim como a identidade da alma latino-americana como um todo, pela cultura dominante do colonizador. Tanto que a cultura do colonizador, na maior parte da América Latina, é sentida como a **nossa cultura**, de fato, enquanto a cultura indígena é a **exótica**”.*

(ARAGÃO, 2014, p.99).

Não é de estranhar que grande parte das escolas trata a temática indígena, caracterizando as crianças com penas e pinturas no dia 19 de abril, data em que se comemora o “Dia do Índio”. Além dessa data, de alguma forma, distanciar o indígena do brasileiro – como se ele não fosse brasileiro, e não fosse o nosso povo originário, como se esse sangue não corresse em nossas veias – esse tipo de abordagem nas escolas só reforça os estereótipos e preconceitos, e não traz para a criança nenhum elemento de identificação e de valorização da diversidade entre os 230 povos que existem no Brasil, segundo dados do IBGE de 2010.

Por outro lado, existe um trabalho muito bom que foi lançado recentemente pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, que busca levar para a sala de aula a temática dos povos indígenas, de maneira que as crianças possam reconhecer essa cultura integrada a nossa brasilidade. É um material que *"foi elaborado seguindo o ritmo da oralidade, contando histórias da tradição e lembrando que a maneira de educar passa pela conquista da confiança das crianças, pelo afeto, pela dedicação"*. – no site

<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/53254.pdf?fbclid=IwAR26A116sEprTWTIX1URLZmFLuz2lqoda46xcvpR9QvvFSlvn5NBEz4D3NU>

Para que eu pudesse caminhar nesse sentido e levar isso a minha classe, com a fundamentação necessária, iniciei uma pesquisa e comecei a conversar com professores waldorfs que já haviam tido essa experiência. Primeiramente, encontrei o site do Grupo Pindorama, um

grupo de estudos que faz parte da Sociedade Antroposófica no Brasil. Um dos seus objetivos é compreender a cultura brasileira à luz da Antroposofia e buscar formas de inserir esses elementos dentro da Pedagogia e de outras áreas. Esse grupo se reúne mensalmente e todo seu trabalho atualmente é postado no site: <http://pindorama.art.br/default.html>

Nesse site, deparei-me com o trabalho da professora waldorf Beatriz Camorlinga, onde ela relata a sua reflexão e prática pedagógica de uma Época de Mitologia no 4º ano escolar:

*“Ao preparar-me para iniciar o 4º ano escolar pela terceira vez, voltei a vibrar com uma ideia que já alimentava desde a primeira turma, mas que por forças das circunstâncias não pude realizar como desejava. O quarto ano, que acontece logo após a Passagem do “Rubicão” traz conteúdos que levam a criança a conhecer o seu entorno. Sua história, suas raízes. Construímos com ela a sua árvore genealógica, visitamos o Bairro, desenhamos o caminho de casa até a escola, a história da sua cidade, os acidentes geográficos, começando pelos que estão ao seu redor e assim vamos conduzindo a criança para o mundo. Parece-me muito natural que no Brasil, nesta época, contemos às crianças a história do povo que viveu aqui 10.000 anos antes da chegada dos Europeus. Mais que contar a história é contar toda a sua Mitologia, que é extremamente rica que tem uma cosmogonia filosoficamente especial. A grande dificuldade está sempre em qual caminho tomar, pois são tantas nações indígenas que viveram ao longo de toda Pindorama que é necessário fazer opções”.*

<http://pindorama.art.br/file/MITOLOGIA-Beatriz.pdf>

Como ela mora em Florianópolis, ela fez uma pesquisa das tribos indígenas mais próximas para escolher as histórias que contaria à sua classe. Da mesma forma, eu descobri que os povos indígenas mais próximos a nós, no Rio de Janeiro, eram os Guarani Mbyá. Em Angra dos Reis, a tribo indígena de Bracuí, a tribo Araponga e Parati-Mirim no município de Paraty.

Bastante inspirada pelos estudos da Beatriz e também em um material lindo escrito pelo Kaká Verá, a Criação do Mundo Tupi-Guarani – presente no site

Indígena.

### **Contando o Mito Tupi-Guarani da Criação do Mundo**

Eu iniciei o 2º semestre do meu quarto ano com uma Época de História do Rio de Janeiro, onde as duas primeiras semanas foram dedicadas à História da Criação Tupi-Guarani e a vida das tribos indígenas. Assim como a Beatriz Camorlinga recomenda, existe uma indicação entre as professoras waldorfs de se iniciar o 4º ano escolar com a Mitologia Indígena e introduzir a Mitologia Nórdica apenas no segundo bimestre ou semestre, por entenderem a importância de se iniciar o caminho a partir da nossa ancestralidade e depois, passar à Mitologia Nórdica e começando então um caminho em direção às histórias antigas e mitologias universais que seguem nos anos seguintes. Eu fiz o contrário e observo que os meus alunos se encantaram e se entusiasmaram com a Mitologia Indígena tal qual haviam feito com a Nórdica, dando-me a impressão de que, talvez seja só na matemática que a ordem dos fatores altera o produto. Depois de alguns anos, como professora, chego à conclusão de que o importante é Fazer, mesmo que o feito não esteja perfeito.

A Época da Mitologia Indígena foi guiada pelo Mito da Criação Tupi-Guarani, belíssimo texto escrito pelo Kaká Verá, a partir de pesquisas e visitas a diferentes aldeias de povos guaranis realizadas desde a década de 80. Ele reuniu todos os mitos de criação que eram contados oralmente e assim passados de geração à geração, e chegou a um denominador comum, criando uma versão denominada *A Voz do Trovão*.

As imagens trazidas por este conto, que está anexado ao final deste trabalho, são um alimento anímico maravilhoso. Selecionei algumas partes do conto que merecem ser comentadas e apreciadas.

*“Depois disso, Tupã precisava de alguém para continuar o trabalho da criação. Foi assim que Ele sonhou em criar o primeiro ser humano, que na antiga língua dos nossos antepassados foi chamado de NHANDERUVUÇU; mas ele era diferente dos homens de hoje. Quando o primeiro ser humano veio, ele não*

*consequia viver na Terra. Ele era como se fosse feito de vento luminoso, algo assim como um vento que dá pra pegar. Ah, e tinha asas, iguais aquelas dos pássaros, que ainda não existiam. Como ele era muito leve, vivia mais no ar. Então ele foi dizer á Tupã que não conseguia viver sobre a Terra. O Criador pensou e sugeriu que ele percorresse os quatro cantos do mundo e fosse atrás das entidades, que elas lhes ensinariam. NHANDERUVUÇÚ flutuou em direção ao Leste que lhe convidava com sua manhã pacífica e encontrou com uma imensa rocha. Ele olhou, olhou, e disse:*

*- Pedra, você pode me ensinar á viver na Terra?*

*- Claro, entre em mim.*

*Tornou-se pedra. Viu-se pedra. Grande rocha que nesse momento passou a se deliciar meditando horizontes...*

*- Ah! Então é assim que é viver na Terra... – pensou Nhandervuçu. Pensava. Pesado e fixo no chão. Saboreava inúmeras nascentes, até que, um dia; o espírito da pedra lhe disse:*

*- Pronto.*

*- Pronto o que? – disse Nhandervuçu em êxtase meditativo diante da beleza do horizonte*

*- Acabou.*

*- O que é acabou?*

*- Acabou, acabou, acabou. Vamos... Não é só assim que é viver na Terra. Há muito mais coisas á viver. Vamos, saia, vá viva."*

Assim como a alma de Nhandervuçu, o primeiro ser humano, entra na pedra, logo a seguir ele entra também numa palmeira e depois numa onça. Dessa maneira, ele experimenta como é viver nos diversos reinos: Mineral, Vegetal e Animal. Ele experimenta como é ser rocha, firme e fixa no chão. Depois, sente-se árvore, sente o que é ter raiz, o que é respirar, o que é captar a umidade e o frescor da terra, ainda fixa. Ao fim, sente o que é viver o animal, ter patas e ser livre, e caminhar e correr sobre a terra, entende o que é cheirar e sentir. Essas imagens dos reinos podem ser muitíssimo aproveitadas como um bom preparatório para os estudos da Zoologia, da Botânica e da Mineralogia, épocas que seguem no currículo do 4º, 5º e 6º ano. Lembro-me que fiz uma boa retrospectiva desse conto quando iniciei a época de Botânica, com perguntas interessantes como: *"De que forma Nhandervuçu sentiu quando ele entrou dentro da*

*palmeira? Qual a diferença entre estar dentro de uma onça (Zoologia), e estar dentro de uma planta? Uma é fixa ao chão, a outra anda sobre ele...*” Essa e outras correlações podem ser feitas entre esse conto e os outros conteúdos.

Segue mais uma passagem interessante:

*“O espírito da Terra esticou sobre o chão e foi recolhendo com seu corpo o barro úmido da gruta. Com ele foi moldando um corpo. Era o corpo humano. Do próprio húmus teceu, modelou, inspirou. No final, com dois pequenos cristais da terra fez os olhos. Por fim ela disse:*

*- Entre aqui, neste molde, e aprenderá muitas coisas sobre a terra. Aqui tem sua própria essência.*

*Nhandervuçu entrou e sentiu a verticalidade do molde com as raízes dos pés soltas, era muito diferente. Sentiu cheiro. Sentiu friagem. Sentiu calor. Olhou em volta, foi até a entrada da gruta e foi a primeira vez que ele viu o mundo com olhos de cristal.*

*- Que lindo o mundo!*

*- Junto com este corpo que te dei há também meus dons e minhas marcas. Os traços da terra, da água, do fogo e dos ventos. – disse o espírito da Terra.*

*- E o que faço com estes dons?*

*- São preciosos! Com estes dons você me ajudará na criação. Com eles dentro de você podes criar o que quiser – disse a serpente espírito.*

*- De que jeito?*

*- Estes dons fazem você sentir, sonhar, inspirar...*

*- Ah!!!*

*- Mas além disso, há os dons de Nhamandú, de Kuaray e de Tupã. Juntando todas estas qualidades, tudo o que você imaginar poderá se manifestar.*

*- Como? – perguntou Nhandervuçu.*

*- Através dos pensamentos e das palavras. Preste atenção no que dizes. Cuidado com a sua fala, pois tudo que disser, assim será.*

*Após estas recomendações e observações, Nhandervuçu desce a montanha e se põe a andar pelo vale. Seus pés tocam e sentem a suavidade do chão e caminham buscando novas trilhas. O tempo passa pelos seus passos. Até que então ele olha o céu, suspira, e lhe vem na mente uma palavra:*

*- Arara.*

*Assim surge a primeira arara no mundo. Azul intenso voando sobre o azul suave. Ele viu e seus pensamentos também voaram e foi falando:*

*- Araruna. Acauan. Carcará. Parakao. Anum. Guará. Guararema. Guaratinguetá.*

*Foram muitos nomes e muitos pássaros surgindo no céu dos seus pensamentos e passando a existir no mundo. Depois ele se pôs a olhar para o chão e começou a falar:*

*- Jacaré. Jararaca. Jararacuçu. Paca. Tatu. Capivara. Saruê. Caxinguelê.*

*Assim foram surgindo os animais da terra, e muitos outros nomes foram sendo ditos. Nhanderuvuçu ia andando e falando.*

Nesta passagem, já começamos a observar semelhanças desse conto com a Criação do Mundo Hebraica, contida no Antigo Testamento. O corpo do ser humano também foi feito do barro e os olhos de cristal são uma excelente imagem para a visão diferenciada do ser humano, em termos de consciência. Adão também dá nomes às coisas, às plantas e animais. A diferença deste conto é que o ser humano (Nhanderuvuçu), aparece como co-criador do mundo e conforme ele vai falando, seres vão sendo criados. Essa atitude de nomear também é interessante para trabalharmos o Substantivo. É também no 4º ano que temos a primeira Época da Gramática e ensinamos as principais classes gramaticais.

*“Nhanderuvuçu então desceu. Ele achava que já havia participado o suficiente da criação. Animais da terra, pássaros, peixes, coisas e coisas já viviam pelo mundo. Caminhou em direção ao rio, lhe chamou a atenção uma cachoeira no final da curva e foi por ali se banhar. Após um mergulho, ficou de pé diante de um poço cristalino e foi quando viu através do espelho das águas a sua própria imagem e disse:*

*- CUNHATAÍ-PORÃ!*

*Ele não sabia que era a sua futura companheira, mas quando ele falou estas palavras surgiu a primeira mulher. Ela se ergueu prontamente das águas e lhe fez companhia. A mulher ergueu-se das águas em um dia pleno de céu azul, de modo que seu corpo foi se modelando de uma luz que a tornou morena, de tons avermelhados.*

*- O que posso fazer por aqui? – disse ela.*

*- Ajudar a criar a vida na terra. – disse ele.*

*- Como?*

*- Através da inspiração de Tupã, uma inspiração que vem límpida como o céu. E através dos dons da Mãe Terra. Nhanderuvuçu e Cunhatay puseram-se então a caminhar juntos. Ela olha para o rio e diz:*

*- Você criou somente peixes cinzentos, é preciso por mais cor neste mundo das águas. Cunhatay passa a recitar muitos nomes de peixes coloridos, enfeitando várias nascentes e pequenos rios com sua criação. Cunhatay olhou a floresta e criou alguns insetos coloridinhos e pintadinhos, como: a Joanhinha, o Louva-a-deus, a Borboleta, a Esperança.”*

Nesta passagem, observamos mais uma semelhança com a criação do mundo hebraica: a chegada da Eva (Cunhataí-Porã), que ajuda Nhanderuvuçu a continuar criando o mundo. Lembro-

me que uma aluna minha, com sua perspicácia característica, comentou: *“Professora, essa história é muito parecida com a história de Adão e Eva! Eu acho que se dois povos tão diferentes contaram histórias tão parecidas, é porque isso realmente deve ter acontecido!”* Através desse comentário, tive a certeza do quanto acertei contando essa história. Há algo de muito especial nessa capacidade de estabelecer relações e precisamos possibilitar às crianças o exercício dessa capacidade.

Segue o final do conto:

*“Até que chegou um dia que se tornou inesquecível na memória da alma de muitas tribos futuras, através de muitos cantos e danças, quando Cunhatay falou para Nhandervuçu:*

*- Seria bom se tivesse mais gente neste mundo! Vamos fazer isso?*

*- Como? – disse Nhandervuçu.*

*Então ela vai á floresta, pega uma semente de cada árvore, põe em uma cabaça e fecha com um pedaço de pau e faz a primeira maraca. Cunhatay chacoalha e canta vários sons e as sementes viram crianças. Essas sementes eram de quatro cores: vermelhas, amarelas, negras e brancas. Algumas eram de frutos da terra, outras foram trazidas pelos ventos; algumas ainda tinham o poder do fogo dentro de si e outras o poder das águas.*

*Quatro povos se formaram. Todos nascidos das sementes da natureza, como parte da mesma tribo, a nação humana. Nhandervuçu e Cunhatay ensinaram á eles a sabedoria da Terra e do Céu, enquanto iam crescendo e povoando o mundo.”*

*Houve um tempo em que Nhandervuçu se cansou de andar pela Terra Mãe, mas não queria ficar muito longe de suas sementes gente. Assim, transformou-se em Kuaracy, o sol. Cunhatay, tempos depois, transformou-se em Jacy, a lua, e acompanha o povo e todos os seus descendentes deste então, olhando-os nas noites claras e escuras. Quatro filhos, Nhanderykei, Juruá, Yubá e Kambé continuaram o caminho dos pais, que haviam se tornado sol e lua, cuidando da aldeia ancestral.*

Em um antigo entardecer, depois de Juruá mirar docemente o poente, surgiu a curiosidade e o desejo de ir em direção até aquele mistério de cores, que começou a ser chamado de “o outro lado do mundo”. Para isso tinha que a atravessar um rio. Juruá não queria ir sozinho. Chamou todos da aldeia. Foram alguns. Então os seguidores de Juruá atravessaram o rio e sumiram na luz do poente. Tempos depois, estava Yubá em sua canoa, quando teve o desejo de conhecer o mundo além das nascentes que seus olhos viam. Acabou reunindo um pequeno grupo e rumaram para o sul. Kambé gostava de abrir caminhos e fazer trilhas. Tinha criado com seus amigos todas as trilhas necessárias para a aldeia. Havia uma que levava ao rio. Havia outra que levava á montanha. Havia ainda outra que levava ao interior da mata. E havia muitos caminhos que circulavam a aldeia. Um dia Kambé teve um sonho de abrir caminhos muito distantes. Juntou seu grupo, e assim foi. Nhanderykei, o mais velho, ficou e com seu grupo, preservou os

ensinamentos primeiros. Continuaram vivendo em casas comunitárias, circulares, que ganharam o nome de ocas. Viviam modelando barro e criando formas; usando às vezes sementes, cipós, folhas e transformando-os em utensílios, artesanatos, coisas. Construindo ocas, malocas, tabas. Um dia, a Tijary, que era a companheira de Nhanderykei, lhe procurou para revelar um sonho. Ela estava muito ansiosa, pois tinha no sonho muito sofrimento, mas também tinha libertação, e indicava uma linda primavera do povo da Terra. Ela sonhou que muito tempo havia se passado, até que Juruá voltou com seu grupo e as suas criações: espelhos, espingarda, trabuco, revólver, canhão, bomba, machado, faca. Foi tanto tempo que se passara que Juruá havia se esquecido de que aquela aldeia era a sua origem e que aquelas pessoas que ali habitavam também eram irmãos. Kambé também voltou, com muito mais gente do que tinha saído, mas também não se lembrava de que ali tinha sido o seu lugar de origem. Yubá chegou do céu, em máquinas voadoras, com muita gente voadora, mas também sem se lembrar de que um dia tinha nascido ali. Até que o irmão mais novo feriu o irmão mais velho com uma flecha, e a guerra se instalou entre todos. Foi quando o Sol e a Lua se encontraram no céu, Kuaracy e Jacy, se abraçaram e choraram muito. Choveu lágrimas na Terra. Foi então que Tupã trovoou e falou:

- Vocês todos são sementes da mesma floresta, que possui raiz no mesmo chão, que é alimentada pelo mesmo sopro e a mesma luz do céu. Vocês não se encontraram novamente para brigar, mas para amar, para partilhar suas experiências, suas vidas, suas sabedorias. E uma vez partilhada a sabedoria da semente vermelha, a da semente amarela, a da semente negra e a da semente branca; um novo povo nascerá. O povo dourado. O povo que vai nascer da união das quatro sementes.

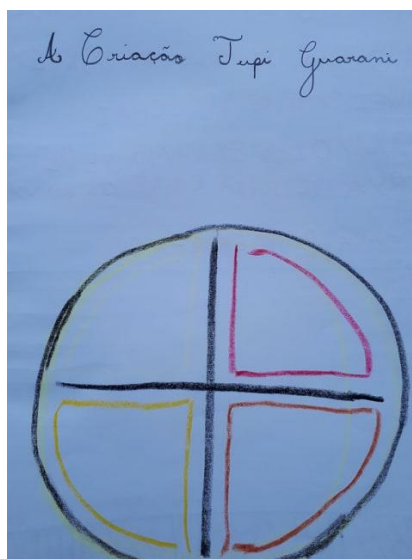
Quando Tupã disse isso, a chuva parou. A Terra molhada tinha um aroma de novo tempo. Foi então que o irmão mais velho disse para a sua companheira:

- Vamos plantar esse sonho nesta terra. Até que ele floresça. Foi assim que aconteceu. O sol nasceu na aldeia, vindo de um oriente dourado. A primavera brevemente iria chegar.

Essa imagem do Povo Dourado é muito bonita. Ela fala às crianças dessa Unidade da onde todos os povos surgiram e para onde todos um dia retornarão. A imagem abaixo representa a cabaça com as quatro sementes que deram origem aos 4 povos.

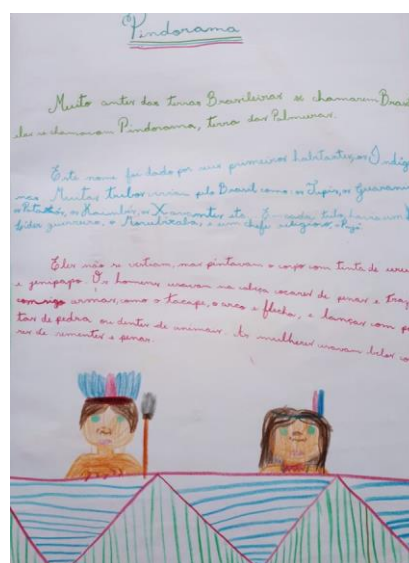
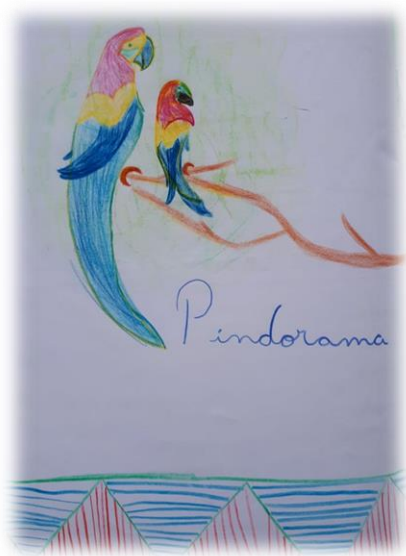


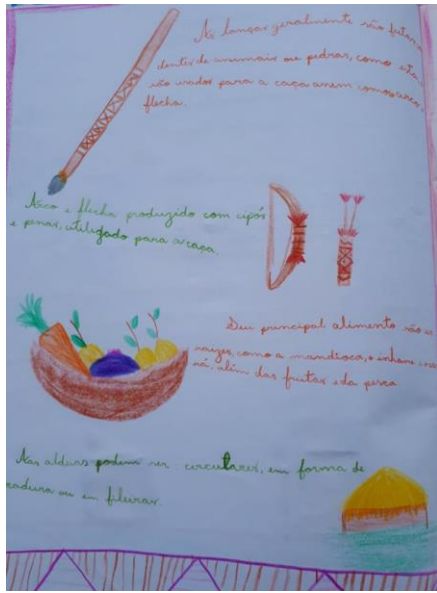
A segunda imagem foi desenhada por uma aluna em seu caderno.



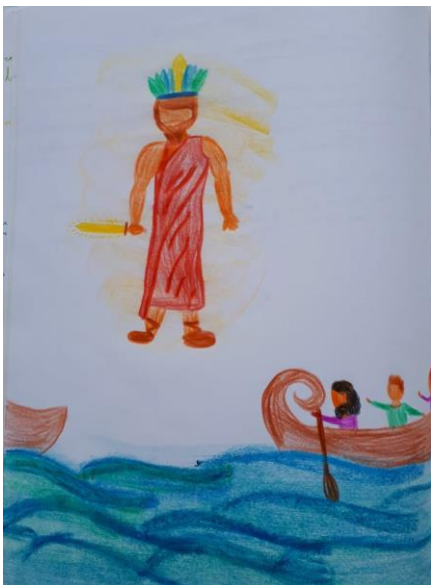
Após a contação do Mito da Criação, as crianças puderam fazer registros em seus cadernos, cada um relatando em escrita autônoma a parte do mito que mais haviam gostado e se identificado.

Nas semanas seguintes, relatei para as crianças como era a vida dos indígenas antigamente, onde eles moravam, os tipos de moradia, do que se alimentavam, como se organizavam socialmente nas aldeias, como era a sua cultura e a sua religião. Toda essa pesquisa foi registrada em seus cadernos:





Adentramos, então, a história da chegada dos Portugueses ao Brasil e história da cidade do Rio de Janeiro, conteúdo do 4º ano escolar. Uma história interessante que foi trabalhada nesse momento foi a lenda de São Sebastião. Reza a lenda que a batalha final aconteceu dia 20 de janeiro de 1567. Os portugueses, aliados aos indígenas Temiminós, e os franceses, aliados aos Tamoios, lutaram bravamente, até que São Sebastião apareceu saltando de canoa em canoa, sem ser atingido pelas flechas, e que definiu a vitória aos Portugueses. Desde então, a cidade recebeu o nome de São Sebastião do Rio de Janeiro. Segue o desenho de uma aluna representando a lenda.



Em paralelo à história propriamente dita, continuei contando diariamente contos indígenas, contidos no Caderno Pindorâmico nº 1, organizado por Wesley Aragão. Este livreto contém histórias apropriadas tanto para as crianças após o Rubicão, quanto para crianças menores.

# 3



## A Viagem Pedagógica

*“Os membros de um povo só poderão dar sua contribuição livre e concreta à missão comum de toda a humanidade se, antes de tudo, tiverem a compreensão de sua índole étnica, a compreensão do que poderíamos chamar de “autocognição da etnia”.*

*Rudolf Steiner*

Como professora Waldorf, condutora de uma classe desde o 1º ano, achei fundamental que no 4º ano escolar, fizéssemos a nossa primeira viagem de classe. Junto com o grupo de pais, pensamos em um roteiro de viagem que dialogasse com os conteúdos trabalhados em sala de aula. Já fazia bastante tempo que eu tinha vontade não somente de conhecer uma aldeia indígena, como também de possibilitar aos meus alunos esse contato. Hoje, após dois anos, e transcorrendo esse momento político e crítico, de desvalorização e extermínio do nosso povo indígena e da nossa floresta por nossas autoridades, tenho a certeza de que foi a decisão mais acertada. Só se aprende a cuidar e preservar a natureza quando adulto, quando se tiver aprendido a vivenciar e amar a natureza quando criança. Tenho a convicção de que a pedagogia Waldorf é uma das poucas e únicas que estão nesse caminho.

A viagem foi para Paraty, ainda no estado do Rio de Janeiro, e ficamos hospedados na casa de uma família. A Aldeia visitada fica localizada na cidade vizinha, Ubatuba, no estado de São Paulo, no bairro Prumirim.



A Aldeia Boa vista, em guarani, *Tekoá Jaexaa Porã*, pertence à etnia Mbyá, uma das quatro etnias em que se desmembra a tradição tupi-guarani. Fomos recebidos por dois jovens indígenas que dominam o português e que recebem escolas e turistas para visita guiada à aldeia.



A aldeia possui diversas casas de alvenaria, num formato circular, como se fossem ocas e também casas de pau a pique. Caminhamos durante alguns minutos por uma trilha fechada, dentro da vegetação Mata Atlântica. Numa roda de conversa, o cacique Altino relatou um pouco da forma de vida da sua comunidade, formada por cerca de 40 famílias. A aldeia conta também com um

posto de saúde e com uma escola, que vai até o Ensino Médio, bilíngue (que alfabetiza em língua portuguesa e em guarani) ministrada por professores brancos e indígenas.

Foi muito interessante quando o cacique contou às crianças e famílias sobre a vida do indígena, como eles caçam, pescam e plantam. Um dos meus meninos perguntou “Quantas aves você teve que caçar para fazer esse cocar?” A resposta do cacique surpreendeu a todos:

*“Nenhuma. Nós, guaranis, só caçamos para comer. Nós somos grandes coletores. Sabemos onde cada pássaro vive na floresta, e vamos até os seus ninhos, que geralmente estão repletos de penas caídas. Coletamos essas penas e fazemos o cocar. O cocar pode ser de qualquer tamanho. Pode durar dias ou até mais de um ano para ser confeccionado e tem um significado muito simbólico. No passado, era usado apenas em ocasiões especiais e as penas representavam atos de coragem durante a batalha”.*

Outra curiosidade sobre os cocares: o cocar do chefe é feito de penas recebidas por boas ações para sua tribo e é usado de forma honrosa. Cada pena representa uma boa ação. O cocar de guerra do guerreiro, tal qual o capacete romano, era usado para proteção durante a batalha.

Após uma roda de conversa, foi o momento mais emocionante, em que pudemos ver e ouvir a apresentação do coral de crianças guaranis cantando belas canções em sua língua nativa.



As canções entoadas, em sua maioria, são orações e palavras sagradas que, em consonância com o ritmo do tambor e do maracá, e a harmonia da rabeca (chamada por eles de ravé) e do violão, saúdam a terra, a natureza, os ancestrais e os seres espirituais.

*“Para os Mbyá-Guarani, o Canto é a coisa de maior importância, um canal para entrar em contato com os espíritos da natureza. E isso é possível principalmente por meio das cantigas infantis, porque eles acreditam que as crianças têm o poder de se comunicar com os seres espirituais”*

*(ALMEIDA, Berenice, 2014)*

Havia uma canção, por exemplo, que falava em Nhanderú, o Deus Guarani que participa da Criação. Foi interessante que a classe pôde correlacionar a letra da canção com a história que havíamos escutado no início da Época. Os meninos de um lado e as meninas do outro, de mãos dadas, cada um com um passo diferente de uma coreografia onde a coletividade sobressaia. A emoção foi tão grande que não pude conter as lágrimas.

Após o coral, tivemos a apresentação de uma dança indígena conhecida como Xondaro, a dança do guerreiro. É a arte marcial dos guaranis, uma dança em roda, que serve de treino para a caça na floresta, pois desenvolve a agilidade e habilidade de luta dos meninos desde pequenos. O guerreiro chefe, utilizando um bastão, propõe aos outros guerreiros desafios corporais, como diversos saltos, rápidos agachamentos e desvios. Essa dança foi trabalhada posteriormente na parte rítmica das aulas e apresentada na festa semestral da escola Michaelis, com a participação dos pais, mães e irmãos. Foi muito especial e divertido!

Tanto o canto coral quanto o xondaro são passados de geração em geração, e ensinados pelos mais velhos aos mais jovens. É dessa forma, e através da oralidade, que eles vivem a sua religiosidade e que se perpetua a cultura do seu povo.



As vivências seguiram com a exposição e venda de artesanatos indígenas (colares, brincos, pulseiras, arco e flecha e outros objetos), e com a pintura corporal de grafismos guaranis.



Pudemos também visitar a Casa de Reza, onde acontecem diversos rituais e cerimônias religiosas, e os demais espaços comunitários da aldeia.



Finalizamos a visita com um refrescante passeio pela cachoeira, que fica dentro da própria Aldeia, e depois seguimos para almoçar em uma praia no próprio bairro do Prumirim.



Esta viagem foi transformadora para mim, como ser humano, e mais ainda como professora. Observar o encanto e a admiração das minhas crianças pelos curumins, elas queriam conversar, perguntavam seus nomes e idades, impressionadas com sua beleza e com sua língua, com o diferente que na verdade, é semelhante. Da mesma forma, e com ainda mais curiosidade e pureza, as crianças indígenas olhavam para elas, riam, brincavam e tiravam fotos – elas estavam se conhecendo e se reconhecendo. Foi um encontro primoroso e cheio de afeto que ficará guardado no meu coração e no coração delas com muito carinho.

Além disso, considero que essa vivência fez brotar em meu interior a vontade de ampliar os meus estudos a respeito dos indígenas, sobretudo sobre a sua religiosidade e a sua forma de se organizar socialmente, que acredito ser seu grande legado para a humanidade.

## Os indígenas brasileiros, sua religiosidade e organização social

No livro *A Alma Brasileira*, do médico Wesley Aragão, há uma pesquisa dos povos indígenas norte-americanos em paralelo aos povos sul-americanos. Para os indígenas brasileiros:

*“Toda a natureza é animada, sendo lugares, animais e plantas representantes de inteligências espirituais com as quais se pode interagir. O ser humano é um ente dotado de vários corpos, ou almas, que se deslocam durante o sono ou sobrevivem à morte do corpo físico. Reencarnação não é uma crença muito claramente anunciada, a não ser entre alguns grupos guaranis. O pajé é um intermediário entre o mundo mágico dos espíritos e o mundo concreto”.*

*(ARAGÃO, 2014, p.93)*

Nesse trecho do livro, observamos diversas similitudes entre as crenças indígenas do Brasil e o conhecimento da Ciência Espiritual e Oculta, entre elas a existência de seres elementais na natureza. Seguem as relações quando Wesley descreve que, para os guaranis, o ser humano reúne um ternário cósmico em si mesmo, que muito se assemelha à trimemoração do ser humano na visão antroposófica, em que o ser é dotado de corpo, alma e espírito:

*“Um corpo físico feito de uma parte terrestre viva, oriunda da matéria terrestre primordial (yvi tenondé); uma alma animal, o neên (que o permite se comunicar com os seres animais, que num passado distante foram humanos, ou seja, parentes nossos); um*

*cerne espiritual diretamente descendente de Nhamandu, ou ayvu (a sabedoria falada)”.*

*(ARAGÃO, 2014, p.95)*

Sobre a religiosidade dos indígenas, segue a descrição no livro:

*“O indígena brasileiro, em geral, é fortemente propenso à atitude religiosa, sendo tão fácil a sua conversão, quando a sua desconversão em qualquer credo. Sua religiosidade original, todavia, não tem nome, não uma “religião” (esta invenção do branco, destinada a suprir sua carência espiritual cotidiana). O índio vive a espiritualidade em tudo, constantemente, na sua rotina diária, na pescaria, na caça, no ato de se alimentar, na construção da oca, nas suas danças e cânticos, nos seus ritos de cura, nos seus sonhos a cada noite, etc. Os padres jesuítas, na época da colonização, já haviam observado esta propensão da alma indígena à interação com os valores espirituais, quaisquer que sejam. E usaram esta propensão no processo de catequese”.*

*(ARAGÃO, 2014, 93)*

Apesar de ser possível interpretar essa propensão religiosa de uma forma negativa, pois foi o que permitiu a catequização e o domínio dos indígenas brasileiros pelos europeus, podemos nos perguntar, de forma reflexiva, como essa espiritualidade natural e intrínseca à vida, pode ser resgatada e trazida como exemplo para a nossa sociedade atual. Da mesma forma, a sabedoria social indígena deve ser considerada.

*“Dentro de uma aldeia, o índio não trabalha para si, trabalha em prol do seu grupo, de forma associativa, cooperativa. Não porque algum índio tenha escrito algum tratado como proposta de harmonia social, mas, através de longo processo de aprendizado de sobrevivência, ele aprendeu que cooperar dá mais chance à existência do que competir. Em língua tupi, este senso de cooperação social se chama mutirão”*

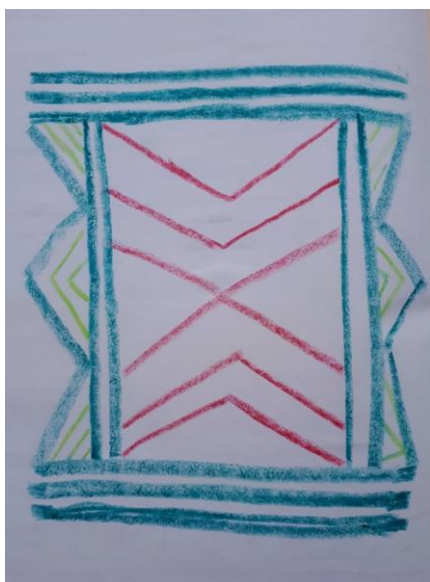
(ARAGÃO, 2014, p.98).

Mais à frente, ele relata o trabalho indígena não é o mesmo que o trabalho capitalista do branco, que se sacrifica na labuta pelo salário, pelo dinheiro. A vida é mais simples e singela, o trabalho é direcionado ao bem estar comum dos indivíduos na aldeia, sem obrigação, sem dor e sofrimento. O trabalho é fonte de grande alegria e, muitas vezes, como numa pescaria ou na construção de uma oca, é feito por diversão. Por isso, os indígenas estão sempre sorrindo e brincando.

Novamente, encontramos nessas passagens, alguma relação entre a vida social das tribos indígenas e a proposta de organização social realizada por Rudolf Steiner, no início do século XX, sobretudo em relação ao princípio da Fraternidade no âmbito econômico. Os indígenas são extremamente fraternos, eles se protegem e se cuidam como se fossem uma grande família. Na esfera pedagógica, dentro da escola waldorf, o que mais buscamos cultivar nas crianças é esse espírito da coletividade em detrimento do individualismo, que está, infelizmente, cada vez mais em voga em nossa sociedade. Jogos e brincadeiras cooperativas tornam-se essenciais em nosso dia-a-dia com as crianças e, algumas vezes, é possível colher pequenos frutos ainda na infância. Que seja germe para o futuro...

## O trabalho com grafismos Indígenas, o teatro e a música

Na Aldeia, as crianças puderam vivenciar a pintura de grafismos indígenas em seus corpos. Não somente existem diversos grafismos indígenas, como também cada um deles costuma ter um significado.



Representa a celebração da chegada de uma criança.



Repartição do Beiju de forma justa e igual.

Eu selecionei alguns para trabalhar com a classe nas aulas de Desenhos de Formas. Rudolf Steiner incorporou ao currículo waldorf o trabalho com as formas desenhadas, não somente

como um preparo para a escrita e a geometria, como também com um caráter terapêutico e de atuação no corpo etérico da criança.

*“Todas as impressões, assim ele explica, que o corpo etérico recebeu durante o período de vigília, sobretudo as pictóricas, tendem a continuar sua atividade durante o sono e a aperfeiçoar-se. Podemos auxiliar esta atividade do corpo etérico através dos Desenhos de Forma. Com isso atuamos de forma harmonizadora, estimulante e fortalecedora sobre o corpo etérico e, mais ainda, até a organização física”.*

(NIEDERHAUSER, 2008)

Na mesma direção, Rudolf Kutzli explica como o trabalho com o desenho de formas pode equilibrar as forças que tendem à polarização:

*“A atividade de desenhar formas apela para o ritmista interior, que proporciona a harmonia entre o formativo e o dissolvente, o ativante e o acalmante, o cósmico e o terreno, fortalecendo assim a força do meio, a força do eu, que atua entre as tendências sempre ameaçadoras da esclerotização do pensar, da convulsão ou do esvaziamento anímico e da falta de direção ou apatia do âmbito volitivo”.*

(KUTZLI, Le dessin de formes)

Na prática do desenho de formas, observamos que o equilíbrio dessa polaridade pode ser alcançada na alternância entre linhas retas e curvas, como sugere Niederhauser:

*“Se olharmos do ponto de vista dos Desenhos de Forma, é digno de nota o fato de que nestas formas, Rudolf Steiner, logo de início, faz vivenciar e configurar dois princípios polares da forma: a linha reta radiante e a linha curva, esta como expressão da vontade, e a reta como expressão do pensar, do ponto de vista anímico. Se ao desenhar qualquer forma, for respeitada a alternância entre linhas curvas e retas, serão evitadas unilateralidades que levam ao endurecimento”.*

(NIEDERHAUSER, 2008)

Sob esse ponto de vista, é possível até mesmo compreendermos as características anímicas de uma tribo, a partir da observação dos seus grafismos mais comuns. Quais as tribos que possuem pinturas com maior presença de curvas e quais com maior presença de retas?

Steiner também sugere o trabalho com as formas espelhadas, em busca de simetria, e isso pode ser observado em alguns grafismos.



Neste trabalho de grafismos, foi possível retomar todo o caminho da motricidade fina com as crianças. Os primeiros grafismos foram pintados com os dedos, e utilizamos a tinta do urucum e da cúrcuma. Após isso, desenhamos grafismos com a caneta de bambu, com penas e, por fim, a caneta tinteiro. Como estudamos também no 4º ano sobre a escrita de cartas, sendo a forma de comunicação da época das Grandes Navegações, pudemos também aprimorar a nossa caligrafia e introduzir laçadas nas letras cursivas, tornando a escrita mais clássica e rebuscada.

Para finalizar essa Época, tivemos uma apresentação muito bonita na segunda Festa Semestral, onde apresentamos uma canção da tribo Kiriri, na Bahia, em duas vozes, nas flautas soprano e contralto. Apresentamos também a canção Chegança, de Antônio Nóbrega.

## Conclusão



*“Amorosamente voltamos os olhos cheios de gratidão em direção aos nossos antepassados. Graças a eles estamos aqui. Nenhuma árvore alcançaria os céus sem a força de suas raízes”.*

*(sabedoria indígena)*

Finalizo este trabalho com a certeza de se tratar apenas do início de uma pesquisa que precisa ser ampliada e aprofundada. Nesse sentido, faz-se mais necessário que olhemos para as nossas raízes, para os nossos antepassados, para o nosso povo originário, a fim de entendermos como trazer esses conteúdos para a sala de aula, em consonância com o desenvolvimento da criança.

O que foi relatado aqui é apenas uma sugestão de trabalho com as crianças no 4º ano escolar. Outros formatos podem ser pensados e introduzidos de maneira a enriquecer os registros já existentes. O que observo ser fundamental é que a cultura e a mitologia indígena não deixem de ser trabalhadas no 2º setênio, pois as crianças jamais deveriam ser privadas de conhecer as suas origens.

Outra sugestão minha, que com certeza farei em minha próxima classe, é um glossário ou um dicionário de palavras tupis-guaranis. Segundo Rudolf Steiner,

*“os arcanjos junto com espíritos da forma trabalham unidos no corpo etérico dos indivíduos, ligando-o ao etérico coletivo de um povo, moldando a laringe dos indivíduos para que nesta se expresse a alma coletiva e o temperamento daquele povo. E assim é que a alma coletiva se expressa na fala daquele povo”*  
(STEINER, 1986).

Logo, a partir dessa visão que a linguagem de um povo surge da interação entre o ser humano e entidades espirituais, possibilitar o contato das crianças com o tupi-guarani seria um forma de aproximá-las a alma desse povo. Além do mais, há uma diversidade de palavras e nomes em nosso vocabulário que advém da língua indígena (entre elas nomes de ruas, bairros, rios e cidades), e é significativo apontarmos isso à consciência da criança. Ainda no livro de Wesley, ele ressalta que quando um povo perde a ligação com sua terra e perde sua língua – o que aconteceu a muitas etnias indígenas – este povo perde também a sua alma. Ele conta como historicamente a Língua Portuguesa foi imposta ao povo brasileiro e, talvez por isso, esta seja uma língua considerada difícil para a maioria dos brasileiros, ainda não se encaixe e não flua em sintonia com a alma deste povo, além das diversas adaptações e variações regionais.

Para terminar, gostaria ainda de colocar aqui algumas perguntas provocativas que poderiam nortear a continuidade dessa pesquisa.

Como transbordar a Época da Mitologia Indígena no 4º ano? Como trazer mais elementos da cultura indígena e das brasilidades para dentro da escola, na idade e no contexto adequado? Por que continuamos usando lã de ovelha para tricotar, sobretudo em cidades quentes, como o Rio de Janeiro, onde dificilmente se usa lã? Que outros materiais mais característicos da natureza local podemos incorporar aos Trabalhos Manuais? Por que, no 2º ano, na Época do Tempo, nós apresentamos às crianças as quatro estações, com suas características “engessadas” que, diversas vezes, elas não podem observar ao seu redor? Não seria melhor, talvez, trabalharmos a época das chuvas e da seca? Quem sabe isso não tenha a ver com a perda da identificação com a nossa terra nativa?

Nós – e agora me dirijo aos meus colegas professores waldorfs – temos essa desafiadora e bonita tarefa de estabelecer essa reidentificação com a terra nativa e fazer renascer a todo o momento a pedagogia waldorf em solo brasileiro, permeada e transformada pela nossa diversidade cultural.

## Bibliografia

- ALMEIDA, Berenice e PUCCI, Magda. A floresta canta! Uma expedição sonora por terras indígenas do Brasil. Editora Peirópolis: São Paulo, 2014.
- ARAGÃO, Wesley. Alma Brasileira: alma sul-americana. São Paulo, Ed.Barany, 2014.
- FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS WALDORF NO BRASIL (FEWB). Para a estruturação do ensino do 1º ao 8º ano nas Escolas Waldorf / Rudolf Steiner. São Paulo: 1999.
- KUTZLI, Rudolf. Le dessin de formes.
- LIEVEGOED, Bernard. Desvendando o crescimento. São Paulo: Editora Antroposófica, 1994.
- NIEDERHAUSER, Rudolf Hans. Desenho de formas. Ed. João de Barro, São Paulo, 2008.
- PASSERINI, Sueli Pecci. O Fio de Ariadne: Um Caminho para a Narração de Histórias. 2004.
- SALLES, Ruth. Teatro na Escola – vol.3. Orientações pedagógicas de Cristina M. B. Ábalos, Dora R. Zorsetto Garcia e Vilma L. Furtado Paschoa. 2007.
- STEINER, Rudolf. A arte da educação – I. São Paulo: Editora Antroposófica, 4ª ed. 2007.
- STEINER, Rudolf. A educação da criança segundo a ciência espiritual. São Paulo: Editora Antroposófica, 4ª ed. 2007.
- STEINER, Rudolf. A missão das almas dos povos. São Paulo: Editora Antroposófica, 2ª ed. 2014.
- STEINER, Rudolf. O conhecimento iniciático. São Paulo: Editora Antroposófica, 2ª ed. 1996.
- <http://pindorama.art.br/file/MitoGuarani-VerCompl.pdf>
- <http://pindorama.art.br/waldorf/default.html>
- <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/53254.pdf?fbclid=IwAR26A116sEprTWTIX1URLZmFLuz2lqoda46xcvpR9QvvFslvn5NBEz4D3NU>